

Director: António Dantas, filho

Editor: Manuel Guimarães

Toda a correspondência relativa à redacção deve ser enviada para a sua sede: Rua de Gil Vicente, 93—e a relativa à administração, para a Rua de Paio Galvão, 70.

Composto e impresso na Tip. Minerva Vimaranesse
Rua de Paio Galvão

O LUSITANO

Publicação semanal

Propriedade da Empresa de O LUSITANO

O Lusitano é o periódico vimaranense de maior tiragem e circulação neste concelho.

BASTA, SENHORES!

Se a nossa humilde voz pudesse ser ouvida por quem dirige os destinos desta doente e atrofiada nacionalidade, gritariamos com toda a fôrça para que ela lá pudesse chegar:

Basta, senhores!

E' já muita a desolação que existe por êsse país além, é já muito o desfalecimento que se apoderou de todos os espiritos, é já enormíssima a desilusão que reina na alma portuguesa.

Querer sustentar o contrário é querer laborar, conscientemente e criminosamente, num êrro que pode ser bem fatal.

Já é tempo de reflectir, de pensar maduramente, de pesar com toda a precisão os perniciosos efeitos da política de regedorias e de clientela que se tem vindo exercendo em manifesto desprestígio dum país que tem seus foros de liberdade agora acrescentada com a igualdade e fraternidade.

Dois anos de república são passados e o povo português, muito longe de adquirir o sossêgo e a tranquilidade que sobreveem às grandes agitações, continúa mergulhado no mesmo marasmo em que o deixaram as leis a êsmo, sem pêso nem medida, sem estudo nem ponderação, que um primeiro governo do actual regimen de liberdade, de paz e de trabalho, promulgou com visíveis e confessados intentos de derruir, com uma só penada, crenças e tradições que teem as fortíssimas raízes que oito séculos vieram avigorando desde a primeira geração portuguêsã até à actual.

Dois anos de república são decorridos sem que (como é triste dizê-lo!) o povo tenha gosado o mais leve átomo daquela liberdade tam apregoada com frases eloquentemente convincentes, nos comícios e nos jornais, sem que tenha encontrado as fragrantas e admiráveis belezas da nova terra de promessa, e sem que tenha entrado na redentora era nova de felicidade e de riqueza, que tam anunciadas foram e ainda mais desejadas são.

E' tempo, senhores, de se reparar no mal que está feito e de se remediar o que, em consequência dêle, pode vir ainda.

São dois anos de experiência dura, atroz, cruel e esmagadora que nos diz que é necessário mudar de rumo, custe o que custar, para que o frágil baixel da Pátria, apodrecido por tantos desmandos e tantas paixões pessoais sôbrepostas aos interêsses comuns do país, se não afunde de todo num atoleiro de infâmia e de degradação.

Basta, senhores!

Cessem as perseguições e as represálias.

Justiça! Faça-se justiça!

Fechem-se os tribunais militares e abram-se as portas das cadeias e das penitenciárias para os prisioneiros políticos.

Principie-se pelo fim já que se não soube começar pelo principio.

Haja a coragem precisa para ver as coisas tais quais elas são e para as avaliar pelo valor que realmente teem.

De facto houve conspiradores.

Houve quem se insurgiu contra a república, quem se armou contra ela, quem fêz fogo contra os seus servidores, quem lutou com esperanças de vencer, quem pretendeu derrubá-la.

¿Visto, porém, êste caso à luz da boa razão e da coerência que tem êle de extraordinário?

¿Não viveram em uma conspiração constante aqueles que hoje pedem as maiores penas para os condenados?

¿Não se insurgiram êstes contra a monarquia, não se armaram, não fizeram fogo?

¿Quem fêz o 31 de janeiro e o 28 de janeiro?

¿Não houve então quem lutou com esperanças de vencer, quem pretendeu derrubar a monarquia?

Nada há, pois, de extraordinário na insurreição monárquica que últimamente se deu.

Ela, como as revoluções republicanas, são o fruto de pensamentos diversos, votados sôbre um mesmo objecto — a Pátria.

Ser monárquico ou ser republicano, em nada implica com o ser português, e, sejamos francos, se os revolucionários monárquicos se esqueceram da integridade da Pátria que punham em risco com as suas arremetidas, há, infelizmente, republicanos que lançam em público essa acusação que teem responsabilidades tremendas no estado actual da política nacional, que teem sido, com os seus caprichos e com as suas ambições tam perigosos para a mesma integridade, como os próprios revolucionários monárquicos.

Pedir as mais severas penas para êsses revolucionários, é a maior das incoerências, é, ainda mais, a maior das desumanidades, se atendermos a que os revolucionários do 31 de janeiro não as sofreram, e os do 28 de janeiro ficaram isentos de pena.

Os revolucionários monárquicos portugueses não nasceram, fizeram-se.

Quem os fêz?

Não foi o sr. D. Manuel nem o sr. Paiva Couceiro; aquele, retirado poltronescamente do seu país onde o dever de rei, a quem a maior parte do exército se conservava fiel, o obrigava a ficar, vencendo se pudesse, ou morrendo como soldado entre os seus vassallos fieis, e êste, isolado em terras de Espanha, tendo apenas por companheiros alguns aristocratas medrosos que lá haviam procurado refúgio.

Um e outros não ofereceriam perigo à República, como não ofereceram nos primeiros tempos depois da implantação.

Não foram também os antigos políticos da monarquia—o sr. José Luciano, metido em casa com a sua doença, o sr. Beirão, em quem não se tornou a falar, o sr. Campos Henriques, que vive completamente ignorado, o sr. Alpoim, que está a pedir ingresso na república como as crianças pedem *emulação de Scot* e muitos outros influentes políticos da extinta monarquia, nem ainda o sr. João Franco, que declarou tácitamente abandonar a política.

Toda a gente, nacionais e estrangeiros, viu que a república teve do povo um acolhimento benévolo, e que a notícia da sua implantação correu, de terra em terra, sendo recebida pela população com as demonstrações com que se recebe uma boa nova.

A propaganda havia sido tenaz e todos esperavam dos homens da república a inadiável salvação da Pátria.

Ela veio e a desilusão foi completa.

Um ministro, a primeira coisa que faz logo que atinge a cadeira almejada, é anichar o irmão, o cunhado, o sócio, os parentes e os amigos, em prejuizo doutros funcionários honestíssimos e zelosos cumpridores dos seus deveres.

Não contente com esta prova exuberantíssima de grosseira indelicadeza no repartir do bolo, começando por si e pelos seus, que pôz bem a descoberto a nota triste de que em toda a parte, mesmo até nos homens que pregam moralidade, há os *amANHOS* da vida, atira cá para fora com leis insultuosas e vexatórias para o povo, ofendendo-o nas suas tradições e na suas crenças, na sua dignidade e no seu bom nome.

Outro ministro, seguindo com religiosa obser-

vância as pisadas daquelle seu illustre colega, na execução do imponderado e pernicioso **isto agora é nesso**, declara categorica e solênemente, com o mais descarado des-coco—**nós também queremos comer.**

Ainda outro, consente que o exército, mesmo aquele que foi, desde o início da revolução, fiel à república, seja espionado por elementos da classe civil, na sua grande parte homens de duvidosa reputação, o que é deprimente para quem enverga uma farda e serve com dedicação o seu país.

E todos os ministros juntamente, além da responsabilidade que a cada um cabe em particular no descalabro moral que se operou nos elementos victoriosos de fama, pois muitos deles nem sequer de longe viram a revolução, e do descontentamento geral que se alastrou célere por todo o país, são perfeitamente concordes, e solidários nas excessivas perseguições que em toda a parte se movem contra o povo de índole pacata e boa, são coniventes nas hostilidades, nos assaltos e nos incêndios que se praticam em toda a parte contra os católicos e contra as suas instituições, sem terem um gesto que os nobilite, chamando à ordem os discolos que comprometeram e desacreditaram a república, fazendo dêste «jardim da Europa à beira mar plantado» uma terra de bárbaros, em face da qual Marrocos e a Abissínia ficariam a perder de vista.

E' necessário acentuar que, só depois que o governo da república deu provas da sua fraqueza deixando de reprimir os abusos de toda a ordem que em toda a parte se praticavam, depois que o país foi entregue à acção devastadora da carbonária, depois que republicanos sensatos soltaram o grito de alarme, a célebre frase **isto não pode continuar assim**, é que o descontentamento se começou a manifestar por actos e por palavras, é que começaram a aparecer inimigos da república que formigavam na sombra procurando um meio de se livrarem,

não da república, mas do peso horrivelmente medonho da coorte carbonária dos enxovalhos, do terror e das bombas, que a república consentia e, mais do que isso, que ela pagava, e foi então, depois da consumação de tantos crimes contra a liberdade e contra a propriedade dos cidadãos, que o sr. Paiva Couceiro começou a encontrar adeptos.

¿ Quem fêz, portanto, os conspiradores ?

Não foi o sr. D. Manuel, o sr. Paiva Couceiro, nem os homens políticos da monarquia, não.

Foi um mau governo, servido por maus cidadãos portugueses que, em vez de acreditarem e consolidarem a república com actos edificantes de boa administração e de respeito pelas liberdades, pelas tradições e pelas crenças do povo, a tornaram odiada consentindo e praticando o que, na mente de todos, está ainda bem tristemente gravado.

Hoje estão as prisões atulhadas de indivíduos, e pede-se para elles as mais severas penas!

Depois, se houvesse a certeza absoluta de que todos os prisioneiros são culpados, se ao menos restasse à república êsse desafogo...

Mas não. Quantas dezenas de inocentes se encontram por essas prisões além, vítimas das intrigas de depravados inimigos, das afirmações dúbias de testemunhas inconscientes, do receio tantas vezes visto de julgadores pusilânimes, de simples suspeitas que circunstâncias diversas parecem converter em factos palpáveis...

Depois, se se usasse para com os condenados da humanidade com que outros reus do mesmo crime foram tratados neste mesmo país...

Mas não! Atira-se com elles para uma mortífera masmorra onde se vão definhando pouco a pouco, e enfiá-se-lhes na cabeça o capuz infamante de penitenciário...

Vamos! Basta, senhores! E' tempo de se reconsiderar, de se ver, de se pensar na forma como tem corrido a politica portugêsa que tantos males tem originado para o nosso país, prometendo ainda trazê-los maiores com carácter de bem funestos.

E' tempo de se entrar em uma vida nova cheia de actividade e de trabalho para o engrandecimento, fortalecimento e

crédito da nossa nacionalidade.

E' tempo de acabar com o imponderado e pernicioso **isto agora é nosso**, como em dois anos decorridos já tiveram tempo de sobejo para se saziarem **aqueles que também queriam comer**.

Basta, senhores! Reconheçam que erraram.

O errar é dos homens, mas o reconhecer os próprios erros e repará-los é dos grandes espiritos.

Sejam grandes espiritos.

Vem ai o 5 de outubro, aniversário da implantação da república.

Um gesto nobre, grandioso de humanidade e de altruismo seria a melhor comemoração da histórica data.

Lance-se o passado ao esquecimento e inicie-se nesse dia uma vida nova de amor, de paz, de ordem, de justiça, de trabalho e de abnegação.

Fechem-se os tribunais e abram-se as prisões para os prisioneiros políticos e abram-se as fronteiras aos emigrados sem restricções nem reservas.

Chame-se o povo à vida nacional e, todos à porfia, trabalhemos denodadamente para um fim comum — o **engrandecimento da nossa querida Patria**.

Grotescos

Meu Caro.

Ao saber da indecência com que somos atacados eu senti na consciência o mal estar dos calados.

Se puzessemos a nú a moleirinha dessa horda que lança vômito crú e traz calçado de corda,

Está certo, meu Amigo que não iam à torpeza de se meterem contigo com semelhante baixeza;

Se não ficasse em segredo tanta crua bandalheira, a rua teria medo a tam suja brincadeira.

Vomitando nas portadas da tua tipografia as excreções emanadas das bebedeiras do dia,

Deram a mais cabal prova do que valem e quem são os inimigos da nova e mais fina educação,

Os quais não tendo argumentos p'ra provarem o contrario nos atiram excrementos com seu ódio sectário.

E podes crer meu Amigo que não são republicanos os que se metem contigo com seus actos tam tirânicos.

Elles andam estorvando a marcha à democracia, rudes sempre, continuando nas expansões da folia.

Se o artigo cento e setenta os envolvesse assim sujos, a república era benta, não existiam sabujos.

Tirteu.

Acontecimentos políticos

Meu caro *Diabo-negro*

Tem-se dado nestes últimos dias acontecimentos importantes que, decerto, não terão escapado ao estudo que anda fazendo e cujo início já teve a amabilidade de me mostrar.

Algo vejo de extraordinário em tudo isto.

Não será ainda tempo de principiarmos?

Fico ás suas ordens e sou, etc.

27 | 9 | 912.

Caríssimo ***

A sua carta veio encontrar-me precisamente em um desses momentos psicológicos em que a nossa alma, atormentada por alheios sofrimentos, se entrega a tristes e profundas meditações mergulhada em uma dor oculta que nasce no coração.

Escrever nesta conjuntura, meu amigo, quando se pensa em manifestas anormalidades que vemos passar como voragens sinistras perante o espirito e se encastelam no cérebro em tenebrosos pesadelos sem que, por mais que cogitemos, sejamos capazes de lhe encontrar uma explicação plausível, é tarefa assás difficil, e não imagina com que mágua eu vou aqui traçando estas pobres linhas.

Não principiarei ainda. A hora é tremenda de apreensões e receios.

Tudo sofre neste mundo a sua transformação no período marcado por Deus.

O período da transformação de alguns homens já principiou.

E' necessário deixar que ela termine.

Esperemos. Seu do coração

Diabo-negro.

Adivinhamos e respeitamos os motivos porque o nosso colaborador se não quer manifestar sobre os factos de carácter político que nesta cidade tem ocorrido nos últimos dias em que, segundo o dizer dum histórico republicano, decantado em verrina prosa nas colunas do semanário local *Alvorada*, **começou a cair na rede o peixe graúdo**.

Nós, porém, não podemos resistir à narração do ocorrido porque, com efeito, vemos que algum **peixe graúdo** tem sido apanhado nas malhas da investigação sobre crimes políticos, e como não constituem segredo as prisões effectuadas, visto que outros colegas já delas deram noticia, vamos também fazer o nosso imparcial relato.

Mercê, segundo consta, da declaração ou denuncia dum garoto, cujo nome inteiro ignoramos mas que não importa ao caso, pois só são dignas de nota as suas qualidades pessoais, conhecido por «Manuel do Mato», foram prêsos no dia 21 do corrente os respei-

O OUTONO

(A TI)

Jazem sêcas à borda das eiradas,
À falta de viço, à mingua de odor,
A folha do olmo, a pétala da flor
Pela brisa do tronco separadas.

Piam as aves como abandonadas
Da messe de Agosto ao loiro esplendor,
Tam perto da fome e longe do amor
Como do ninho e perto das geadas.

Tambem a mim já chegam dêste outono,
Em flácida queixa, em mórbido sono,
Frias *saudades*, a aumentar lembranças!

Estas jazem sem viço, mas... espera
Que, talvez, ao voltar da primavera
Tu possas sustentar novas esp'ranças!

R. E.

táveis cidadãos vimaranenses srs. Aureliano Fernandes, acreditado comerciante de ourivesaria da nossa praça e Joaquim Mendes, proprietário e capitalista, ambos proprietários da Empresa Automobilista desta cidade, sob a accusação de terem distribuido ou conduzido nos seus automóveis armamento destinado aos conspiradores.

Não pode ser. Conhecemos muito de perto os dois alvejados por uma denuncia infame, e podemos afoitamente garantir que, nem um nem outro, se prestavam a tam funesto como ridiculo papel por todas as razões. Ambos são inteligentes e homens práticos e sabiam perfeitamente a responsabilidade que de tal facto lhes sobrevinha e, além disso, é publicamente notório e observado que os srs. Fernandes e Mendes nunca se mostraram hostis à república, antes deram sempre as provas mais concludentes, tanto nos seus actos como nas suas conversas, de que ela lhes era simpática.

Trata-se, pois, como não pode deixar de ser, de uma denuncia falsa, torpemente urdida por um canalha que nutriu em si desejos de vingança e que os pôz em execução pela forma cobarde que deixamos dito.

Não nos alongaremos em considerações nem comentários, porque não nos cumpre a nós fazê-los, e os nossos leitores farão os que o seu espirito esclarecido lhes sugerir.

Recordaremos no entanto que «Manuel do Mato» prestou serviços durante algum tempo como lavador de carros na garage dos detidos, sendo posto fora de lá por várias irregularidades, entre as quais o roubo de um revolver. Ladrão!

O «Manuel do Mato», a quem as suas declarações ou denuncia serviram de base à prisão dos pacíficos e honestos cidadãos srs. Aureliano Fernandes e Joaquim Mendes, tem todas as qualidades más, é um garoto reles sem aceitação alguma e mal visto por toda a gente, chegando a própria mãe a

desejar que êle seja bem castigado, mas sobre tudo isso, que é muito, é ladrão, o que é muitíssimo mais.

E êsse ladrão, êsse falso denunciante, êsse patife de instintos perversos e malvados sorri-se do acto vil que praticou, enquanto que dois homens de bem permanecem isolados do convívio das suas famílias estremecidas e dos seus numerosos amigos.

Os srs. Fernandes e Mendes serão brevemente postos em liberdade porque, podemos desde já garanti-lo, nada se apurará contra elles, pois nada praticaram que os desonre ou comprometa perante a república.

¿ Mas, quando saírem, quem os indemnizará dos enormes prejuizos sofridos nos seus negocios, do abalo produzido na sua saude, das lágrimas choradas pelos que lhe são caros, dos dias de cativoiro que passaram, do vexame e desgostos a que foram sujeitos? Nada mais diremos.

A história do *complot* monárquico de Guimarães há de fazer-se e quando ela for feita será também feita justiça aos que, injustamente, sofreram perseguições.

Acha-se gravemente doente o conceituado negociante desta praça sr. António da Assunção Pires, que principiou a sentir-se mal desde que esteve prêsos como suposto implicado nos acontecimentos políticos, deitando pela boca sangue em grande abundância.

A liberdade dos primeiros e as melhoras dêste são os nossos maiores desejos.

Assistência

Nos dias 4 e 5 de Outubro próximo todas as correspondências postais, excepto jornais, levam, além do porte, mais uma estampilha de 10 réis chamada *Assistência*.

Teatro Gil Vicente

Sobe hoje à scena neste teatro, a peça de grande espectáculo em 5 actos e 8 quadros, de G. Decourcelle, «Os Dois Garotos».

A cruz férrea dos presidentes das juntas paroquiais

(Uma entrevista com o cidadão Rosmaninho, presidente da comissão paroquial de Serpão-verde).

—Elmano! a lira divina
Porque razão emudece?
—Porque mais cala do mundo
Quem mais do mundo conhece!

Foi este diálogo ferido há muito tempo; há quanto tempo já!

Tempo de francêses, como hoje, mas então em vésperas de invasões à nossa terra, tempo em que a Rainha piedosa e o Pina Manique eram, respectivamente, como dois símbolos; — dois frutos sazonados pelo sol dos velhos preconceitos e também dois espelhos onde se reflectiam a piedade e o fanatismo, irmão gémeo da loucura, e a prepotência, irmã colação da vaidade e da hipocrisia!

Pois no tempo que gerou os heróis da Roliça e Bussaco, no tempo em que passaram sobre a terra Lusitana dois astros de primeira grandeza—já se ouvia:

Porque mais cala do mundo,
Quem mais do mundo conhece!

Eu creio sinceramente, que *Vossas Fraternidades* concordam que ainda hoje assim é, apesar de sermos governados pela tirânica arte nova que obriga a chamar novo ao que todos conhecem velhíssimo e que parece ordenar:

Que mais fale do mundo,
Quem menos do mundo conhece!

Reparem *Vossas Fraternidades* no nosso código administrativo.

É o nosso código novo — com 34 anos e o orgulho dos seus calções verde-rubros, confeccionados pouco depois da gloriosa data em que o velho Portugal de Afonso Primeiro, despindo a sua túnica branca e a sua capa azul se metamorfoseou, qual divino sirgo, em vistosa e meiga borboleta, para nos atrair junto d'ele, para, como ternas crianças, mais e melhor nos amarmos mutuamente, pois o amor dos irmãos entre si é mel, é ambrosia divina para a meiga e sorridente boca dos desvelados pais, — e o velho Portugal é como nosso pai e mãe comum!

Eu creio que muitos de *Vossas Fraternidades* ainda não tiveram coragem para comprar o referido Código — afim de estudarem a forma mais acertada de — com sorrisos doces — arrastarem um dia a cruz de presidentes de qualquer junta paroquial!

Que beleza não é chegar um simples cidadão à culminância paroquial! Ser presidente!...

Eu, se não fôsse precisas tantas habilitações, papelada, empenhos, etc., — sempre iria estudando o tal código — e de aqui a uns 50 anos estaria presidente lá da junta de Alfazema.

Nada! Já hoje, 22 de Setembro, entrevistei o meu amigo cidadão Rosmaninho — presidente da junta de Serpão-verde que me fez esvoaçar as minhas queridas aspirações!...

As *Vossas Fraternidades* estão com certa curiosidade de saber quem seja o cidadão Rosmaninho?

Pois bem: — O cidadão Presidente da Junta de Serpão-verde — é um *Táft* em gordura e bondade; alto, moreno, de olhos andaluzes e bigodeira à Floriano Peixoto; o falar vivo e com umas *scintilações* de quem tem lido muito e de tudo; de quem conhece os principais centros da Europa e América do Sul como poucos, pois tem de sobra *escudos* que o protegem até do Purgatório...; é, digo, entre outras dignidades — *comendador da Ordem de S. José dos bem casados*, em cuja ordem, clama *Sua Fraternidade*, se se não alistasse, jamais teria vontade de levar a cruz da presidência paroquial.

É que quem leva a cruz é

para, em regra, ser *crucificado*, e todo o *mártir da cruz* precisa de uma *Madalena* que o fortifique com os seus olhares de amorosa piedade!

¡Aqui, a *Madalena* é a Santa e inteligente *Companheira*, que já lhe deu cinco joias, lindas e inapreciáveis como as da *Cornélia Romana*!

É um paraíso o palacete do cidadão Rosmaninho, onde nem faltam os anjos!

¡Tocar, pois, a *compainha*, subir, cumprimentar os papás e beijar na frente aquela *inquieta e alegre Pequerruchada* leva cinco segundos!

Isto passa-se na sala de visitas, bela e artisticamente disposta; os móveis, ricos e optimamente acabados, são em estilo... *Neves & C.*; o charuto que agora fuma o meu amigo é de marca... *Presidente*; colarinho, gravata, colete, casaco e largas calças, cadeia do relógio e botas tudo estilo à... *Rosmaninho* e... pronto!

Dito isto, sem o que ninguém ficava conhecendo o meu *comendador de S. José* — entremos no primeiro capítulo da *entrevista-preleção*!

—Então, principia sorridente e devorista de seu charuto, o cidadão Rosmaninho, devo a honra e gosto da sua visita ao desejo de...

—Ver o meu amigo, saber como vai *Sua Fraternidade*, se passam bem a Senhora e os meninos; — depois disto tomar-lhe um pouco de tempo e paciência para uma *preleção*.

—Uma *preleção*! o cidadão está brincando! *preleção*!... Eu dar-lhe lições!

—Sim, *Fraternidade*; como eu aspito a presidente da junta paroquial de Alfazema, estou resolvido a sacrificar-me, a quasi *deixar-me matar* até, pelo bem, grandeza e prosperidade do povo e da República e por isso...

—Bravo! você mi está comovendo! Tem razão, pois, em vir pedir a este *Paulo* que lhe ensine alguma coisa destas *epístolas*; tenho porém, que há de arrepende-se, e bem!

—Então é demasiado pesada essa cruz e escabroso o caminho? — Nem me fale! Esta *via dolorosa* já mais se encontra com a *via lactea*! Entre abrolhos e estrelas há muita diferença!

E que trabalho e desgostos isto dá! Eu, andei aí por vésperas precursoras da *alvorada* de 1889 no Brasil, em activa e renhídissima propaganda republicana com Lopes Trovão e Silva Jardim.

Gastei a minha saúde, energias, dinheiro e... muita fé baldada em ver florido o nosso *boquete* de pitanga e oliva — e já mais tive um gesto de desalento ou pesar e trabalhei sempre, sempre; porém, nesta terra...

—De Portugueses, filhos de antigos duques, marquêses, condes e barões...

—Talvez por isso, — mas sobretudo por ser de... portugueses!

—Porém, os portugueses tem caracteres de raça admiráveis: — bravos, liais, francos, trabalhadores...

—Mas *rotineiros* uns e *platinicos* quasi todos!

Isto é uma terra de poetas e de *suaves evolucionistas*!

Os que governam afogam-se num mar de leis novas e *portarias salvadoras*, os governados — nadam num lago de *engenhosa arteirice* para sofismar a lei!

E sômos e seremos sempre assim!...

—O meu amigo abunda nas ideias deste Nivardo! E' assim mesmo.

—Meça lá mais esta ventura: Um presidente da junta paroquial tem de encher mapas com o nome, filiação, idade, ocupação e distância em metros da casa dos meninos e meninas em idade escolar, até à escola pública, particular ou a criar;...

A mesma tarefa para os mancos em idade do recenseamento militar;

Tem de passar atestados de pobreza para entrada no hospital, para subsidio de laticação, banhos de mar e termas;

Recebe listas para subscrições de navios de guerra, biplanos, etc.

—E sem ajuda do secretário?

—Nem me fale em secretário da junta, esse *Cerineu* é já quasi lendário para mim!

—E a junta paga-lhe?!

Sim, pelo trabalho das actas das sessões e do lançamento equitativo da *derrama*...

—Mas, esse serviço até o distrai; o meu amigo não chega a consumir dois charutos enquanto *avia esse receiptuário*;

—Perdão; eu ainda não terminei; chega a vez do *agrônomo* do distrito, que entende que todos somos *servos obedientes de Sua Fraternidade* e manda... uns mapas para resenhar quanto trigo, milho, centeio, painço, etc., etc., foi semiado por hectare; quanto rendeu cada um destes géneros, etc., com suas médias anuais, etc.;

Quantas cepas e quantas vides cada uma e distância em metros de uma a outra árvore envidada; Finalmente, produção, gradação, vendas, etc., etc., do vinho; castas próprias da região ou exóticas; quais os sistemas de podas, instrumentos, etc....

—E' de morrer doído!

(Continúa)

Nivardo.

Cartas da aldeia

Já Apolo deixava de bater em cheio nos flecos da branca igreja da aldeia, de cujo musguento campanário já havia muito tinha soado o meio dia.

A pequenina igreja, na falda duma escaldada colina, onde sómente viceja a urze rasteira, à qual os pequiros conduzem, cantando velhas canções, as suas mandadas e o cardo agreste lança seus espinhos, olha sorridente para as longas campinas cujos tapetes de verdura formam um vistoso quadro enfeitado com o saboroso fruto das parreiras.

O sol declinava mais e mais por detrás dum imenso bosque coberto de gigantes cascas plantas, cuja copa lanceolada ameaçava ferir o azul do firmamento manchado aqui e além por pequeninas nuvens muito branquinhas, semelhando rendilhados lenços de divinas creaturas, que lá do alto nos acenavam perdendo-nos de vista!...

Ao fundo da linda aldeia corria brando ribeiro cujas águas vogavam mansamente por sobre as polidas areias, e de cujos meandros marginados de frondosos arbustos, passarinhos garganteavam saudosas canções, chorando as suas desditas, que do intimo lhes saíam em trinados que comoviam a própria torrente: as penas que no peito tinham, e lhes cobriam o corpo, entumeciam o caudal, que em altos soluços se despenhava nas graníticas penedias, que cimentavam o chão onde existia uma ferverça!

O sol poente lançava um último olhar de despedida às límpidas águas, matizando-lhes as cristalinas escamas com incrustações argentíferas, que em breve se transformavam em finas folhas de prata, apenas o sol incendiando no oco uma longa barra do firmamento num tom acobreado, ocultava o rosto radiante por detrás dum soute de castanheiros, que

se viam postados em fila, a oeste do pequenino rio, como uma legião de soldados em linha de combate...

A pura açucena, a modesta e aromática violeta, e as demais florinhas, exalam de seus lábios carminados, um suave odor, o balsamo vivificante; o doce perfume desprende-se em nuvens que se elevam no espaço aéreo, ao sópro da viração...

A escuridão aumentara na aldeia. As ávezinhas recolhem a seus ninhos, e o lavrador deixa os costumados trabalhos, recolhendo à artista cabana, onde o espera sua família: tudo respira silêncio, cortado apenas pelos pios sinistros das aves noturnas, ou pelo cicar brando das folhas dos milharais ou das videiras, que parecem beijarem-se muito de mansinho na funérea escuridão!

Diana lança um pálido alvor no oriente, e começa a subir, a subir sempre, muito vagorosamente por detrás dum pinhal cujos braços levantados para o céu põem no firmamento ramos gigantescos de efeito fantástico. O espaço povoado de alumínicas palhetas sintilando muito languidamente, cortejam a lua soberana, que orgulhosa passeia por entre alas estrelíferas mergulhando vaidosa o arco prateado nas rumorejantes águas.

Ao clarão da lua, desprendem-se das nossas almas, ligeiras barquinhas enfeitadas de verdes espeanças, engastadas a cordas de ouro com prateadas velas, que se escondem por detrás do mar tempestuoso da vida, nalguma ilha remota, onde a felicidade não tem par, nalgum país de ilusão e doce quimera!...

S. Cristóvão de Selho, 25-9-912.

José Mendes Ribeiro.

Prêsoes políticos

Recebemos a seguinte carta de alguns prêsoes políticos que se encontram na Relação do Pôrto:

...Sr. Redactor:

Perante V..., nós vimos com todo o respeito solicitar um momento de atenção para a petição seguinte.

Tomamos esta liberdade conscientes em que V... nos atenderá. Nós, prêsoes políticos desde o dia vinte e nove de Setembro do ano findo, actualmente detidos na cadeia da Relação do Pôrto, isto depois de termos percorrido os Fortes e cadeias Cíveis de Lisboa e sem dia determinado para julgamento, encontramos na dura necessidade de recorrer ao bondoso coração de V... implorando protecção.

Sr. Redactor. Nós os prêsoes aqui mencionados e bem assim nossas famílias somos pobres pois que tínhamos como mister o trabalho, temos as nossas famílias reduzidas à miséria em consequência de estarmos privados da nossa liberdade e lhes faltar o braço trabalhador.

E' triste Sr. Redactor ouvir os queixumes de nossos filhos implorando pão, e nós, desprovidos e privados de o podermos angariar para lhes mitigar a fome.

Ficamos certos sr. Redactor de que o coração de V... que sabe sentir e avaliar, se condoerá de tamanha infelicidade.

Por isso pedíamos a esmola de V..., numa das colunas do seu muito conceituado jornal, abrir uma subscrição perante os bondosos corações.

Não pedimos para nós, Sr. Redactor, mas para destruímos a miséria que dia a dia vai minando a existência de nossas famílias.

Pedimos mil desculpas a V... pela ousadia tomada, assim como também agradecemos o quanto

V... fizer em benefício de nossas famílias!

Somos com o máximo respeito e consideração:

Cadeia da Relação, 22-2-912.

(aa) Joaquim Maria da Assunção, Alvaro Monteiro Guimarães, Francisco F. Paranhos, Joaquim da Rocha, José Pinto de Oliveira, Albino Carneiro da S. Pinto, Aniceto Gonçalves e José Rodrigues Ventura.

Condoídos d'esses infelizes que há longos meses se encontram sob forros da república sem julgamento e das suas desventuradas famílias, não temos dúvida alguma abrir a subscrição em seu favor, certos de que as lágrimas, a dor e a miséria deles encontram eco nos bondosos corações dos nossos caritativos leitores.

Empresa do Lusitano. 1.000

Um padre pensionista que faz propaganda contra a República

Do Mundo, órgão desafinado do partido democrático onde toca *Sua Santidade Separado I* e seus *Venerandos Cardiais*:

EVORA, 22 — Lavra grande indignação entre os paroquianos de S. Sebastião da Giesteira, d'este concelho, pelo facto do ajudante do posto do registo civil, que ao mesmo tempo é o pároco e pensionista do Estado, fazer propaganda contra a República e contra o registo civil, aconselhando os cidadãos a irem à igreja depois de realizado o acto civil. Este reverendo *masmarro*, que dá pelo nome de Bacalhau, precisa que o illustre titular da pasta da justiça lhe aplique um correctivo, para bem da moral e tolerância religiosa.

Isto lê-se e não se acredita.

Eis aqui um padre que com certeza foi um *digno sacerdote* quando aceitou a pensão e agora é um *reverendo masmarro* que faz propaganda contra a república, porque, depois de cumpridos os seus deveres de funcionário civil não esquece os de padre católico, aconselhando os cidadãos a praticarem os actos religiosos.

Com um *masmarro* de sobreiro na pinha precisava o furibundo escriba.

E fala em tolerância religiosa o birbante.

A tolerância para eles é de ar-rocho.

OS HERÓIS DA... TRAMPA

Na noite de 22 para 23 do corrente estiveram encostados às portas da oficina tipográfica, onde é impresso o nosso jornal, uns indivíduos e naturalmente falaram com tal calor que quasi se iam derretendo ali, pois ainda deixaram vestígios dos seus imundos corpos nas portadas, as quais apareceram no dia seguinte *untadas* de excremento humano.

Sempre os mesmos pulhas e os mesmos garotos esses heróis da trampa!

Num dia de festa republicano-democrática, onde decerto se falou da necessária união do povo e se apregou a liberdade (de funil) e a *fraternidade* foram sujas com excremento as portas dum pacífico cidadão que, tendo oficina tipográfica, nos faz o jornal pela mesma razão que faz a *Alvorada* e fez a *Velha Guarda* e outros.

Atre, malandros, os tais heróis!

Mas, coitados... quem dá o que tem a mais não é obrigado.

Eles são de trampa não podem dar outra coisa

AVISO IMPORTANTE

Benjamin de Matos, com estabelecimento de fazendas no Campo do Toural, 105, previne o público que não compre bicicletas sem primeiro examinar as máquinas das reputadas marcas como sejam:— The Tagus—Spring—Kirmer Dura—Derby—Rateigh—Idial—Sirius, todas do modelo de 1912, de que é único correspondente no concelho de Guimarães, e que as vende postas nesta cidade pelos preços das fábricas, assim como todos os acessórios para as mesmas.

Bicicletas novas, com todos os acessórios, desde 22\$000 réis.

Colégio

Académico

Rua de S. Domingos, 19

GUIMARÃES

Admite alunos internos, semi-internos e externos, para instrução primária, secundária e curso comercial prático. Alimentação abundante e bem cuidada. O resultado dos exames no presente ano lectivo foi de 50 APROVAÇÕES COM 3 DISTINÇÕES. Envia-se o programa a quem o pedir à direcção.

Os directores,

Alfredo Peixoto, médico
Luís Gonzaga Pereira.

TIP. MINERVA



VIMARANENSE

Oficina de encadernação, papelaria e livraria

—DE—

António Luís da Silva Dantas

Rua de Paio Galvão—GUIMARÃES

Na oficina tipográfica, montada com cerca de 240 colecções de tipos, maquinismo aperfeiçoado e pelos modernos processos da arte, executam-se, com nitidez e perfeição, todos os trabalhos, tais como: obras de livro e jornais de grande e pequeno formato; participações de nascimento, casamento e óbito; circulares, memoranduns, facturas, envelopes e todos os demais impressos para comércio; mapas, mandados de pagamento, talões e vários outros impressos para repartições públicas civis, eclesiásticas e militares; rótulos para farmácia; etiquetas para fábricas e estabelecimentos de fazendas e ferragens; programas e bilhetes para espectáculos, etc., etc.

Impressões a cores, ouro, prata e cromotipografia.

ESPECIALIDADE EM CARTÕES DE VISITA DE DIVERSAS QUALIDADES E FORMATOS.

Na oficina de encadernação executam-se todos os trabalhos concernentes á arte, com perfeição e segurança, para o que possui escolhido material, vindo expressamente do estrangeiro, e pessoal competentemente habilitado.

Na papelaria encontra-se um variado sortido de papéis almaços, finos e de impressão, nacionais e estrangeiros, objectos de escritório caixas de papel de fantasia em diversos formatos, livros em branco, para comércio, cartão fino e papelão em folha, etc., etc.

Encarrega-se da execução de GRAVURAS EM MADEIRA, EM ZINCO E COBRE, pelos processos quimicos, e de CARIMBOS DE BORRACHA, para o que está em correspondência directa com os mais hábeis gravadores e fabricantes.

PREÇOS RAZOÁVEIS. * * * Trabalhos perfeitos e rápidos.

NOVA ESTANTE DE PEDAL
COM
FRICÇÕES DE ESPHERAS D'AÇO
O MELHORAMENTO MAIS UTIL QUE PODIA DESEJAR-SE

MÁQUINAS SINGER PARA COSER
QUE VÃO DIRECTAMENTE
DAS
FÁBRICAS AO COMPRADOR
VENDA ANNUAL: 2.000.000 DE MÁQUINAS

ESTABELECIMENTOS SINGER
EM TODO O MUNDO

NÃO CABEM
JÁ NAS
MÁQUINAS
PARA COSER

SINGER

MAIS
APERFEIÇOAMENTOS
NEM
MECHANISMO
MAIS
EXCELLENTE

MAXIMA LIGEREZA.
MAXIMA DURAÇÃO.
MINIMO ESFORÇO
NO TRABALHO. →

Avenida Candido dos Reis—GUIMARÃES

Fotografia Carvalho

98, Rua de Paio Galvão, 98

(Junto ao edificio dos Bombeiros Voluntários)

Guimarães

Luxuoso ATELIER montado segundo os últimos quesitos da arte e dotado de excelentes aparelhos, o que lhe permite executar:

Esmaltes fotográficos para medalhas, perfeitos e eternos.

Retratos em porcelana.

Retratos reclame, desde 600 réis a dúzia.

Ampliações inalteráveis, desde 2\$000 rs.

Novidades, efeitos de luz, transformações de vestidos e penteados, etc., etc.

Opera-se com todo o tempo.

OS LUSITANO

Publicação semanal

PREÇO DA ASSINATURA
(Pagamento adiantado)

Ano (sem estampilha) 1\$200 rs.
Semestre 600 „
Trimestre 400 „
Pelo correio acresce o porte.
Número avulso 30 „

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha 40 rs.
Repetição por linha 20 „
Permanentes, contrato convencionial.
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes, 25 % de abatimento.

Alberto César

Tipos Populares da Minha Terra
(Uma galeria)

64 páginas em formato elegante.

Preço 250 réis

Pedidos ao auctor

ou à

Tipografia Minerva Vimaranesse

GUIMARÃES

OS LUSITANO

Publicação semanal

Ex.^{mo} Sr.